

# O feijão com arroz 22 FEV 1992

Ricardo Pinheiro Penna

JORNAL DE BRASÍLIA

A crise brasileira pode ser vista de vários ângulos e os responsáveis pelo seu agravamento são, possivelmente, maior do que a própria crise. Na longa lista dos algozes já tiveram seus turnos o Estado-paternalista, o Estado-fisiológico, o governo-precipitado, o governo-arrogante, o povo-irresponsável e o povo-preguiçoso. Novos nomes aparecem regularmente como os empresários-marajás apontados, regularmente, pelo presidente Collor.

As dificuldades centernárias por que passa o País têm, de fato, inúmeros responsáveis. Cada um em seu momento histórico, cada qual com seu quinhão. Foram os portugueses com sua colonização feudal, os donos do engenho com seu processo de produção escravagista, os donos do ouro com seu consumo supérfluo e o Estado com seus pequenos interesses dirigidos. Misture e bata bem esses ingredientes e tem-se uma enorme concentração da renda, uma gigantesca prepotência das elites e um estupendo descaso do Estado para com os menos favorecidos.

O presidente Fernando Affonso Collor de Mello apresentou, no início de seu governo, a solução para os problemas brasileiros. A solução sou eu! Exclamou esta frase, nos quatro costados, quando mostrou que não tinha medo do tigre, de altura, de velocidade, nem da ira de milhões de brasileiros com o maior confisco da história moderna em tempo de paz.

Passado os primeiros meses de governo, o Presidente continuou proclamando: L'état c'est moi!. Sua coragem em atacar os empresários, os funcionários públicos, de implementar um segundo pacote e dispensar alianças políticas escancarou sua auto-suficiência e determinação para enfrentar tudo a golpes de

caratê.

Com a incapacidade das artes marciais em controlar o ritmo inflacionário, com o fracasso de algumas manobras mercadológicas e os insucessos da política social e previdenciária, Collor ficou isolado, acompanhado apenas pelos altíssimos índices de rejeição popular. Atualmente, a ausência de apoio público e político não permitem ao Presidente dar tiros contra a inflação. Sem força ou audiência para grandes malabarismos o País, finalmente, perdeu seu rei, seu redentor, seu pai patrão.

Depois da última histeria no mercado financeiro, com a saída do Banco Central da compra de ouro e dólar, o País voltou a viver momentos de calma que há muito não aconteciam.

O País da instabilidade conjugal, dos grandes escândalos e das soluções econômicas mirabolantes parece estar cedendo ao famoso feijão com arroz onde os agentes do mercado têm a certeza que no dia seguinte não serão atropelados por novas regras concebidas por criativos economistas. Os resultados já aparecem com a queda do ritmo de crescimento da inflação, com a estabilidade do dólar e menor inquietação política e popular.

As ameaças de uma instabilidade institucional serviu de alerta ao presidente Collor. Combinado com a queda nacional em sua popularidade, divulgada recentemente pelo Gallup e DataFolha, o Presidente viu-se obrigado a adotar uma política low-profile sem malabarismos de ordem política ou pessoal. É uma legítima política compulsória do feijão com arroz.

□ Ricardo Pinheiro Penna é diretor de Pesquisa da Soma Opinião & Mercado